

EDITORIAL

Caro leitor tem em mãos a edição 3 e 4, uma edição especial que resolvemos tirar, em simultâneo devido à relevância dos assuntos que traz, tal como as anteriores edições têm feito, informar, actualizar e até certo ponto ensinar sobre a matéria de arquivos que é o nosso dia-a-dia nesta caminhada de mais de 80 anos. Sim, mais de 80 anos que tiveram como epicentro o Seminário Internacional organizado pelo Arquivo Histórico de Moçambique que juntou diversos investigadores e estudantes, entre nacionais e estrangeiros, para assinalar o octogenário desta instituição, 1934-2014. Diferentes painéis e apresentações marcaram a conferência realizada no Complexo pedagógico da UEM e que foi largamente concorrida.

E porque a história não é estática, inerte, historiadores juntaram-se e formaram uma associação, denominada AHIMO, o mesmo que Associação de Historiadores de Moçambique, uma organização que pretende dar um contributo na pesquisa histórica do país. Dando a entender que 2015 é o ano de realizações para historiadores, teve lugar em Maputo a I Oficina de História, onde foram debatidos assuntos prementes da História de Moçambique, dos contornos envolvidos na investigação científica no país e o acesso aos documentos por estudantes e investigadores.

Entre outros aspectos que lhe sugerimos, realçamos a entrega de um acervo sobre José Tristão Bettencourt pela Fundação Mário Soares, e que vem incrementar o acervo já existente sobre o Governador da Colónia de Moçambique entre 1940 e 1946.

O ano 2015 termina com a sensação de que a nossa instituição procurou servir-lhe da melhor maneira, indo aos seus anseios e esperamos um 2016 risonho. Todavia, o nosso maior avaliador é você caro leitor. Festas Felizes.

Conferência Internacional marca os 80 anos do Arquivo Histórico de Moçambique



No âmbito das celebrações dos 80 anos, naquele que foi o momento mais alto, o Arquivo Histórico de Moçambique realizou uma Conferência Internacional sob o lema “80 anos preservando a memória do país e 40 anos construindo a identidade nacional”, que teve lugar no Complexo Pedagógico do Campus

Universitário da Universidade Eduardo Mondlane. O evento que contou com a participação de diversos actores da sociedade, juntou perto de 300 pessoas, desde, docentes, investigadores, estudantes, nacionais e estrangeiros e funcionários desta instituição de preservação histórica nacional.

Nesta edição

- Estudantes de História participam em Intercâmbio no Canadá-----2
- Conferência Internacional marca os 80 anos do Arquivo Histórico de Moçambique-----3
- Arquivo Histórico de Moçambique recebe Espólio de José Tristão de Bettencourt-----7
- AHM protagoniza Momento Histórico ao Restaurar Primeiro Livro-----8
- Os Contornos da Conservação e Restauro-----9
- AHM assinala o Dia Mundial do Património Audiovisual-----10
- Falta de espaço e degradação ameaçam o Arquivo Histórico Moçambique-----13

Estudantes de História participam em Intercâmbio no Canadá

Três estudantes da Universidade Eduardo Mondlane, nomeadamente Ivan Castigo Zacarias e Elcídio Macuacua a frequentarem a Licenciatura em História, e Márcia Manhique licenciada em História, e que neste momento desenvolvem pesquisas a título individual, bem como em projectos no Arquivo Histórico de Moçambique, participaram entre finais de Agosto e princípios de Setembro num intercâmbio, na York University e na University of Valley, no Canadá. A deslocação ao país da América do Norte, tinha entre outros aspectos, o objectivo de partilha de experiências entre os estudantes moçambicanos e de académicos de outras nações, num espaço onde estiveram Franceses, Brasileiros, Colombianos, Cubanos, Norte-americanos, Canadianos, Mexicanos, e Jamaicanos. Em conversa com o BI Arquivo, os três estudantes partilharam a experiência que tiveram no Canadá. Para Ivan Castigo Zacarias, “foi uma experiência muito boa, estivemos lá numa conferência intitulada Afrodescendence Culture and citizenship's, a conferência foi intensiva, durante uma semana e tivemos a oportunidade de interagir com docentes, investigadores e estudantes de diferentes partes do mundo”. Zacarias, acrescenta que puderam partilhar naquele fórum os resultados preliminares de uma pesquisa recentemente iniciada pelos três em Moçambique:



Participantes do intercâmbio no Canadá

“Tivemos a oportunidade de apresentar os resultados da nossa pesquisa relacionada com um projecto iniciado em Moçambique, intitulada Forces Migration's in Mozambique (Migrações forçadas em Moçambique), no período entre os finais do séc. XIX e princípios do séc. XX, apresentamos o projecto e colhemos subsídios para avançarmos com a pesquisa”.

Para Elcídio Macuacua, a cooperação entre as universidades moçambicanas e estrangeiras é indispensável, porque possibilita intercâmbio e troca de ideias em perspectivas diferentes. “Trago muita experiência deste intercâmbio, muito forte e que me incentiva a fazer investigações no campo historiográfico”. Acrescentou ainda considerando que “O contacto com pessoas de várias academias e com visões diferentes e até certo ponto avançadas, abriu-nos novas visões de como abraçar a área da pesquisa, o que nos fará dinamizar a pesquisa histórica em Moçambique”.

Márcia Manhique encara a experiência no Canadá como

“única, muito importante para minha carreira académica e profissional, foi uma oportunidade para apresentarmos os nossos trabalhos de pesquisa que estamos a desenvolver em Moçambique”. Já a sensação de partilhar espaços com académicos de níveis mais superiores que eles não os inibiu de mostrarem que também tem qualidade e capacidade de desenvolver melhor as pesquisas “éramos os únicos licenciados, os outros tinham níveis bem acima de nos, deste o Mestrado, Doutoramento, e Pos-Doutorados, mas evidenciou que o facto de sermos licenciados ou estudantes não significa que os outros não possam receber bem aquilo que fazemos, o que pretendíamos transmitir foi entendido, criticaram e deram sugestões”.

De referir que os estudantes deslocaram-se ao Canadá no âmbito de uma pesquisa sobre as Migrações forçadas em Moçambique, coordenada pelo Prof. Doutor Joel das Neves Tembe. A estadia no Canadá foi de duas semanas, repartida entre as cidades de Toronto e Quebec.

Conferência Internacional marca os 80 anos do Arquivo Histórico de Moçambique

No âmbito das celebrações dos seus 80 anos naquele que foi o momento mais alto, o Arquivo Histórico de Moçambique realizou uma conferência internacional sob o lema “80 anos preservando a memória do país e 40 anos construindo a identidade nacional”, e teve lugar no Complexo Pedagógico do Campus Universitário da Universidade Eduardo Mondlane. O evento que contou com a participação de diversos actores da sociedade, juntou perto de 300 pessoas, desde, docentes, investigadores, estudantes, nacionais e estrangeiros e funcionários desta instituição de preservação histórica nacional.

A conferência foi antecedida pela exibição de um vídeo, de 10min, que retrata as diferentes áreas técnicas do AHM e os principais desafios institucionais face a sua missão. Do programa da Conferência constavam 4 painéis nomeadamente Arquivos e Investigação Científica; Fontes Arquivísticas e História; Arquivos e o Acesso a Informação e Arquivos e Administração Pública. Para além destes painéis, duas conferências; uma inaugural e uma de encerramento.

O Director do AHM, Prof. Doutor Joel das Neves Tembe, mostrou-se regozijado com os 80 anos da instituição que dirige, vincando que o evento “*é um momento que serve de reflexão, momento que podemos discutir ciência, abordar sobre a nossa história e ainda conhecermos o percurso histórico do nosso Arquivo, que preserva a nossa história, a história pré-colonial, colonial e do pós-independência*”.

Por seu turno, o presidente do Conselho Nacional de Arquivos, Dr. Grilo Lubrino, enalteceu o papel do Arquivo Histórico de Moçambique para o Estado, governo e sociedade. Tendo ainda, contextualizado esse papel nas reformas da Administração Pública em curso no país, em particular com a introdução do SNAE em 2010. Fez menção a alguns desafios em

relação à preservação e gestão de documentos. Para o Reitor da Universidade Eduardo Mondlane, Prof. Doutor Orlando Quilambo, os arquivos “tem papel relevante para

Zambeze, a oradora procura perceber as formas do poder público das mulheres. Na sua apresentação, foi possível desprender o facto de que tanto nas



Painel principal da Conferência

a humanidade, registam, conservam documentação para gerações vindouras”. Quilambo realçou ainda o “facto do Arquivo ser ponto de convergência de investigadores de quase todo o mundo”, tendo ainda mostrado o comprometimento da Universidade que dirige, nos esforços que o AHM empreende para ultrapassar desafios no que concerne à manutenção de infra-estrutura, equipamentos e a formação de quadros.

Conferência Inaugural

Moderada pela Prof. Dra. Benigna Zimba, teve como oradora a Professora Eugénia Rodrigues, docente e investigadora em Portugal e que trabalhou 20 anos no Instituto de Investigação de Lisboa. Entre outras, desenvolveu pesquisas sobre os Prazos da Corôa em Moçambique.

O tema apresentado pela Prof. Doutora Eugénia Rodrigues foi: “**Os Arquivos e Escrita da História: as fontes coloniais e o estudo das formas de participação política das mulheres em Moçambique nos séculos XVIII e XIX**”. Usando estudos de caso das unidades políticas que se desenvolveram em Moçambique entre os séculos XVI a XVIII, nomeadamente Monomotapa, Bárue, Quiteve, Marave e algumas pequenas chefaturas no Norte do

sociedades matrilineares como patrelineares, as mulheres desempenharam funções de autoridade designadas por piamuenes, rainhas, mulheres grandes, imperatrizes, princesas. Estas mulheres desempenhavam vários papéis como interlocutoras com os mercados, aconselhamento individual e colectivo, aprovação dos soberanos, guardiões de santuários, cerimónias de entronização de novos líderes, entre outros.

O debate centrou-se essencialmente em torno da necessidade de mais estudos na perspectiva em que a autora apresentava, pois segundo o Professor Firmino Mucavele, as mulheres em África tinham poderes espirituais, entre elas existiam feiticeiras e curandeiras, vincando a necessidade de estudos deste género poderem focalizar este multifacetado género de mulheres. Para o Dr. Cândido Texeira, a Província de Inhambane seria um campo de estudo apazível para estas matérias, visto que segundo este, existe uma lista de mulheres que por várias razões os maridos foram executados e outros pereceram por variadas razões, passando as mulheres a administrar os bens dos maridos.



Continua na pág. 4

☞ Continuação da pág. 3

A terminar o debate, a moderadora do painel louvou o rico estudo apresentado pela oradora, e enalteceu o papel da mulher como actor político, afirmando que de uma maneira geral independentemente do factor geográfico, a mulher, com maior ou menor grau, está presente no poder.

I PAINEL

Análise do Mercantilismo Agrário de 1800 a 1975 e o seu Legado na Economia Agrária de Moçambique, Prof. Doutor Firmino Mucavele

Na sua apresentação, Mucavele constata a ausência de uma ponte entre o período colonial e pós colonial como um dos males que afecta a definição de política agrária e consequentemente proporciona o fraco desenvolvimento da agricultura no país. Salienta que diferente do período pós independência, no período colonial havia uma estrutura que dinamizava o processo agrário. De maneira geral, o autor procura neste estudo encontrar semelhanças nas políticas agrárias que possam ajudar no futuro plano estratégico do sector agrário.

Por seu turno, o Prof. Doutor Paolo Israel a sua apresentação teve como tema: **“O Arquivo das Artes Performativas: Oportunidades e Desafios, Notas a partir do caso de Mueda”**, onde enfatiza a importância das canções como fontes alternativas e complementares para a reconstituição da história, pois são um importante arquivo da consciência e memória de um povo e, neste caso do povo moçambicano. Por esse argumento, o orador procura fazer a re-leitura do Massacre de Mueda com recurso a mais de uma centena de canções recolhidas.

Sob o tema **“O Tempo nos Ensaios e Monografias”**, o Dr. Cândido Teixeira realçou que tanto na Universidade Pedagógica como na UEM os ensaios apresentados debruçam-se a períodos recentes da história de Moçambique, nomeadamente os séculos XX e XXI, em detrimento de períodos mais recuados. Para o orador, esta tendência é motivada, dentre vários factores, a o desconhecimento do acervo de que o Arquivo Histórico Moçambique dispõe, e à falta de espírito de pesquisa. Para alterar esta situação, o orador propõe ao Arquivo Histórico de Moçambique, uma maior divulgação do acervo existente e disponível para a consulta e retomar a produção da Revista Arquivo para que os investigadores e estudantes tenham a oportunidade de divulgar seus trabalhos. No debate foram afluídas questões metodológicas sobre a escrita da História e outras relacionadas ao acesso as fontes. Sobre as questões metodológicas questionou-se sobre as diferenças hermenêuticas na abordagem entre as canções e as entrevistas.

A comunicação do Dr. Cândido Teixeira gerou um grande debate, com os estudantes a apresentarem queixas sobre as dificuldades de acesso às fontes. Porém, o orador, secundado por outros intervenientes, clarificou que as dificuldades eram dos próprios estudantes que mal se preparam para fazer a pesquisa das fontes, por um lado, derivado ao espírito de trabalho fácil.

II PAINEL

“Fontes Arquivísticas Como Instrumento de Análise das Políticas Agrárias Coloniais e Pós-Coloniais no Distrito de Manica: uma abordagem metodológica do FGDB (1950-1970) e da CNAC (1975-1981)”

Esta foi a comunicação apresentada pelo Dr. Arnaldo Pinto Teixeira Caliche, onde o orador questiona o tipo de informação de políticas agrárias que se encontram registadas em dois fundos, e avança aspectos metodológicos para a recolha e leitura de informações.

“A Fotografia Como Fonte Histórica: o caso da colecção Missão Mariano de Carvalho a Moçambique, em 1890”

Apresentado pela dra. Leonor Celeste Silva e dra. Deolinda Chamango, profissionais do Arquivo Histórico de Moçambique, a questão central desta comunicação foi divulgar o acervo fotográfico existente no AHM e incentivar o uso da mesma para a investigação científica.



Participantes da Conferência

O Dr. Simão Jaime fez uma apresentação sob o tema **“Fontes sobre a Igreja Metodista Episcopal e os serviços médicos em Inhambane, 1890 a 1968”**. O orador procura discutir o real objectivo dessa igreja face a algumas evidências encontradas nos documentos e entrevistas efectuadas, pois em várias ocasiões as igrejas aproveitaram-se dos serviços de saúde para evangelizar. Concluiu que a intenção das igrejas era a conversão dos africanos para colonizar e não providenciar serviços de saúde.



Continua na pág. 5

➔ Continuação da pág. 4

Para esta pesquisa, Simão Jaime trabalhou em diversas instituições para a recolha de dados, tais como: Arquivo Histórico de Moçambique, Igreja Episcopal de Moçambique, Arquivo Geral da Igreja Episcopal em Nova Jersey nos Estados Unidos da América e ainda entrevistas efectuadas em Chicique, no distrito da Maxixe, Província de Inhambane.

III PAINEL

O último painel teve como ponto de partida o tema apresentado pelo **Dr. Rafael Simone Nharreluga** **“Arquivo Histórico de Moçambique: 80 anos ao serviço da nação”**. Nharreluga, aborda o processo histórico da criação do Arquivo Histórico de Moçambique e as implicações desse processo no cenário arquivístico nacional, bem como a sua relação com o projecto pós-colonial de nação, particularmente entre 1975 e 2010.

Concebendo o Arquivo Histórico de Moçambique como lugar de informação arquivística e de acção do Estado em Moçambique, a comunicação avalia a função desta instituição arquivística na viabilização do uso social da informação arquivística de natureza pública em Moçambique e na construção da nação.

“Arquivo Histórico de Moçambique: Macrocefalia e Descentralização”, foi o tema apresentado pelo **Prof. Doutor Yussuf Adam**, onde centrou a sua abordagem na necessidade de se proceder a descentralização desta instituição arquivística nacional, para as províncias e distritos. Acrescenta que a descentralização minimizaria a perda de muita



Prof. Doutor Joel das Neves Tembe, Director do AHM

documentação, não seleccionada. Por outro lado, observa alguma lacuna na relação entre o Arquivo Histórico de Moçambique e a comunidade no geral, propondo a promoção de actividades lúdicas e um intercâmbio permanente entre o Arquivo e escolas a partir de palestras para a divulgação do acervo de que dispõe.

“Desafios para a pesquisa no Arquivo Histórico de Moçambique”, apresentado pelo **dr. Alberto Calbe Jaime**, encerrou o III painel. Segundo o orador, a dispersão dos edifícios que compõem o Arquivo Histórico de Moçambique, constitui um desafio para os pesquisadores. Por outro lado, constata que a exiguidade de condições adequadas e de equipamentos com vista a acomodar os arquivos, constitui um constrangimento para a instituição.

Investigação e Extensão no AHM

Com o texto a seguir, pretendemos de forma resumida apresentar, de forma provisória, os Resultados do Trabalho de Campo sobre a Situação dos Refugiados em Maratane-Nampula, que vem sendo desenvolvido por **Maria Josefina de Sá Consolo**, Investigadora no Arquivo Histórico Moçambique e Mestranda em História Social no Departamento de História da Universidade Eduardo Mondlane.

De 16 a 26 de Fevereiro de 2015, realizei o trabalho de campo no âmbito da pesquisa visando a elaboração da dissertação de Mestrado com o título: “Políticas de acolhimento de refugiados em Moçambique”. Com este trabalho, pretende-se analisar a evolução das políticas de acolhimento de Refugiados em Moçambique,

perceber o impacto da implementação das políticas abertas face as necessidades dos refugiados e identificar as consequências das políticas de acolhimento para a comunidade acolhedora. O trabalho foi realizado no Centro de acomodação de refugiados de Maratane, local que alberga o maior número de refugiados, no país, aproximadamente 9.000 e fora do Centro com 3.000 refugiados.

Em linhas gerais, as políticas de acolhimento de refugiados em Moçambique têm como base aquilo que são os direitos de refugiados plasmados na Convenção de Genebra assentes nos seguintes pilares: acomodação, alimentação, educação, saúde, documentação, formação profissional e emprego. Entretanto, Moçambique enfrenta desafios na implementação das políticas de acolhimento pois, verificam-se instabilidades na

distribuição alimentar, insuficiência de medicamentos, falta de ensino secundário, falta de emprego, dificuldades na aquisição de diversos documentos com maior incidência em relação ao estatuto.

Os refugiados integrados em Maratane estabelecem relações de amizade, e em alguns casos verificam-se focos de conflitos. Entretanto, os locais reconhecem que com a presença de refugiados a situação económica e social de Maratane mudou para melhor, pois passaram a beneficiar-se de toda infra-estrutura básica existente no Centro.

Como impacto das políticas de acolhimento observa duas situações, enquanto uns reclamam e choram pelo aparente abandono, existe um grupo de refugiados que prospera dedicando-se principalmente a agricultura e actividades comerciais.

(Por Maria Josefina de Sá Consolo)

Moçambique e Suécia assinalam Cooperação

Moçambique e Suécia assinalaram através de um seminário realizado no dia 03 de Dezembro, no complexo Pedagógico da UEM, 40 anos de cooperação entre os dois países, e que coincidem com o tempo de independência de Moçambique.

O seminário subordinado ao tema “Reflexão sobre os laços históricos entre Moçambique e Suécia e Perspectivas para o Futuro”, contou com um painel constituído pelo antigo Presidente da República de Moçambique, Joaquim Alberto Chissano, da antiga Primeira-ministra Luísa Diogo e da parte Sueca Prof. Dr. Tor Sellstrom e Pierre Shorri. O seminário juntou na mesma sala o corpo directivo da UEM, docentes, estudantes e foi moderado pelo Historiador e Director do Arquivo Histórico de Moçambique, Prof. Doutor Joel das Neves Tembe.

Falando à imprensa, o antigo Presidente da República Joaquim Chissano, fez um balanço positivo da relação entre os dois países, considerando que ao longo dos 40 anos foi se criando uma relação de confiança entre os dois estados “há resultados palpáveis em todos os sectores, destacando-se a cooperação na educação, agricultura, entre outras áreas”. Por sua vez Irina Nyoni,

embaixadora da Suécia em Moçambique referiu que “temos uma relação muito especial com Moçambique, que data desde a sua independência e achamos imperioso e importante continuar com esta relação”. Irina Nyoni anunciou na ocasião que a Suécia vai desembolsar cerca de 500 milhões de dólares nos próximos anos para apoiar projectos de desenvolvimento.

Este seminário se enquadra numa série de eventos realizados ao longo deste ano visando celebrar os 40 anos de relações diplomáticas e promover a

continua colaboração entre Moçambique e Suécia. De realçar que anteriormente a este evento, sob o mesmo propósito foi realizada a conferencia sobre Mudanças Climáticas; um evento desportivo com especial enfoque na saúde sexual e Reprodutiva e os direitos das Mulheres e ainda o Maputo Internet Fórum com um enfoque sobre a importância do acesso abrangente a internet livre e aberta para o desenvolvimento e social de Moçambique.

A iniciativa é da Embaixada da Suécia em Moçambique e Universidade Eduardo Mondlane.



Da esquerda para direita: Prof. Doutor Joel das Neves Tembe, Pierre Shorri, Prof. Dr. Tor Sellstrom, Joaquim Chissano e Dra. Luísa Diogo.

Criada AHIMO – Associação de Historiadores de Moçambique

Estudantes e professores moçambicanos criaram uma associação de historiadores com o objectivo de incentivar a pesquisa e reflectir sobre a forma como é contado o passado histórico de Moçambique. “O nosso objectivo principal visa fomentar a pesquisa histórica no país”, disse Joel das Neves Tembe, presidente da Assembleia-geral da Associação de Historiadores de Moçambique (AHIMO), em entrevista à LUSA.

A iniciativa, pensada há dez anos, começou a ser materializada em 2013, com a legalização da

associação e a definição dos seus estatutos, faltando nomear a direcção, num projecto que pretende juntar, além de historiadores, estudantes e professores de diversas áreas do conhecimento em Moçambique para discutir esta área.

Joel das Neves Tembe, que também é director do Arquivo Histórico de Moçambique, disse que a ideia é criar um espaço para que os jovens historiadores apresentem suas pesquisas, um incentivo para o surgimento de “formas mais equilibradas” de contar a História

de Moçambique. “Este é um país que praticamente não conhece a sua História”, lamentou Joel das Neves Tembe, acrescentando que Moçambique precisa “voltar, em termos cronológicos, e recuperar a sua História”, sob o risco de perder a sua identidade como nação.

O movimento recentemente criado tende a crescer e aumenta a cada dia o número de filiados, bem como a sua repercussão pelas redes sociais.

(Redacção, Texto adaptado do Jornal Notícias)

Arquivo Histórico de Moçambique recebe Espólio de José Tristão de Bettencourt

O Arquivo Histórico de Moçambique recebeu no passado dia 2 de Setembro um espólio de José Tristão de Bettencourt, governador-geral na antiga colónia de Moçambique, entre 1940 e 1946. A entrega deste material que inclui entre outros, documentos não oficiais, secretos e 300 fotografias foi feita pela Fundação Mário Soares na sede do Arquivo Histórico de Moçambique, em Maputo.

O espólio entregue, está organizado em 12 pastas de documentos, 2 caixas de fotografias e 1 caixa de grande formato, incluindo 7883 imagens e objectos digitais que se encontram já classificados.

Falando no acto da recepção dos documentos, o diretor do Arquivo Histórico de Moçambique, Joel das Neves Tembe, considerou que “este é o tipo de iniciativas estimuladas pelo Conselho Internacional de Arquivos, espero que a documentação de Tristão de Bettencourt interesse os estudantes e investigadores e que a colaboração com entidades portuguesas se mantenha”. Tembe referiu ainda que o AHM possui uma documentação sobre Bettencourt “já temos um acervo sobre este Governador, pelo que a documentação hoje entregue vem enriquecer ainda mais o acervo de que dispomos, e serve de mais-valia para os moçambicanos,



Momento da entrega de parte do material

investigadores e estudantes em particular, porque não precisarão de ir a Portugal para consultar sobre esta matéria”.

Em representação da Fundação Mário Soares, Alfredo Caldeira considerou que este “é um importante espólio que se reveste de muita informação sobre as finanças, sobre o indigenato, sendo assim um arquivo que permite bons estudos sobre Moçambique”. Caldeira espera que a partir desta cerimónia, que “se renovem as condições de cooperação entre as nossas instituições”.

Por sua vez o embaixador de Portugal em Moçambique, José

Augusto Duarte realçou que “muito há a discutir em Moçambique sobre o período colonial a que esta documentação faz referência, pelo que é um grande incentivo para o Arquivo Histórico de Moçambique e vai permitir que muita gente tenha acesso a estes materiais para investigações”.

O material ora entregue, congrega informações que não estão directamente relacionadas com as funções profissionais assumidas por José Bettencourt. De realçar que Bettencourt assumiu diversos cargos ligados à Administração Colonial em Moçambique.

BIBLIOTECA DO AHM:

| | |
|-------------------------------------|---|
| • Obras de Referência ----- | 2 |
| • Ciências sociais ----- | 4 |
| • História de África ----- | 3 |
| • História de Moçambique ----- | 5 |
| • Moçambique Diversos ----- | 2 |
| • Literatura Africana ----- | 3 |
| • História geral ----- | 3 |
| • História das Ex- Colónias ----- | 4 |
| • 200 Periódicos de vários assuntos | |

O Doutor Bertil Egero doou cerca de 350 livros que se encontram em processo de classificação.

Novas aquisições durante o 3º Trimestre

Atendimento de leitores

A Biblioteca disponibilizou para a consulta 1325 obras.

Atendeu um total de 733 Leitores Sendo:

| | |
|--------------------------------|-----|
| Estudantes ----- | 715 |
| Investigadores Nacionais ----- | 15 |

AHM protagoniza Momento Histórico ao Restaurar Primeiro Livro

O ano de 2015 é marcante para o Arquivo Histórico de Moçambique, por várias razões, mas aqui pretendemos destacar uma, que é a restauração do Primeiro livro nesta instituição (conservação curativa do acervo), feita no laboratório de Conservação e Restauração. Em termos técnicos, a restauração ora realizada, é considerada de conservação curativa e visa interromper a degradação física, química e biológica do acervo documental, bem como proceder a reposição da sua integridade física e devolução da estabilidade química sem colocar em causa a autenticidade do documento.

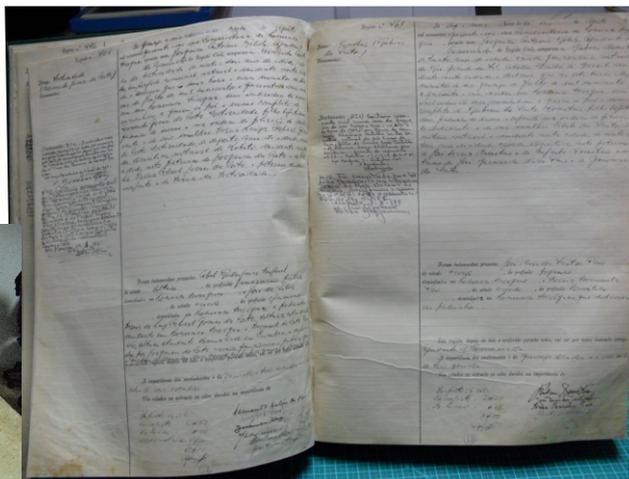
O documento restaurado é um livro de registo de nascimento produzido em 1946, na então cidade de Lourenço Marques, e é composto por duzentas (200) folhas com dimensões de 29,5cm, 38,5 cm de largura e comprimento, com capa dura de cor verde. O processo de reconstrução ou tratamento de restauração deste livro seguiu critérios internacionais como a reversibilidade, estabilidade dos materiais e consistiu entre tantos

processos, no diagnóstico e registo gráfico do estado de conservação, no registo fotográfico, higienização, remoção de fitas adesivas, planificação, obturação manual, enxerto e encadernação.

Do diagnóstico feito ao livro, concluiu-se que apresentava-se com o material do suporte em avançado estado de degradação e em risco de perda de informação (suporte acidificado, lombada desfeita e rasgada, folhas amassadas, soltas e rasgadas, com partes faltantes, com vincos, manchas marron, com fitas adesivas, folhas amareladas e algumas anotações), requerendo desta forma muita atenção e perícia por parte dos técnicos que se encontravam a trabalhar para a sua

restauração.

O tratamento de conservação e restauração deste livro que levou mais de 2 anos para a conclusão, foi realizado no Laboratório de Conservação e Restauro desta instituição, e prossegue o processo de outras obras que se encontram em estado de degradação. É caso para dizer que entramos na história, que estamos cada vez modernos e queremos continuar a trabalhar para a ideal conservação do acervo de que dispomos no Arquivo Histórico de Moçambique.



MAEFP lança Campanha de Avaliação de Documentos

No âmbito das celebrações do Dia Internacional dos Arquivos, 9 de Junho, sob o lema "O papel dos Arquivos na Preservação da Memória institucional da Administração Pública", o Ministério da Administração Estatal e Função Pública (MAEFP) lançou no mês de Junho, em Xai-Xai, Província de Gaza, a segunda Campanha Nacional de Avaliação de Documentos. Com esta iniciativa, pretende-se promover o acesso célere a informação e a preservação da memória institucional, organizar os arquivos na administração pública, entre outros.

Esta campanha terá a duração de três anos e vai abranger todos os órgãos e instituições da Administração Pública, devendo ser avaliados os documentos que foram produzidos antes e depois de 2008, altura em que entrou em vigor o Sistema Nacional de Arquivo do Estado (SNAE).

De salientar que a primeira Campanha Nacional de Avaliação de Documentos aconteceu em 2013, período em que foram processadas mais de 24 mil metros lineares de documentos, capacitados mais de cinco mil funcionários e agentes do Estado. Foram ainda organizados 69 arquivos intermediários, iniciado o processo de organização em 345 órgãos e instituições do Estado.

Decorrente das celebrações do 9 de Junho, foram realizadas exposições sobre organização, gestão do património histórico-cultural e documental das instituições públicas e incluindo iniciativas privadas. A cerimónia que foi dirigida pela Governadora de Gaza, Stela Pinto Zeca, contemplou uma visita ao Arquivo intermediário da Direcção Provincial da Agricultura e as Obras de construção do futuro Arquivo Provincial de Gaza.

Os Contornos da Conservação e Restauro

Queremos com esta rubrica passar a trazer o ecoar dos profissionais do Arquivo Histórico de Moçambique nas suas repartições, no seu ponto de trabalho, o seu dia-a-dia, os contornos envoltos na prossecução das actividades e mais. A rubrica a Voz do Arquivo veio para ficar e dará oportunidade também a estudantes, docentes e investigadores para se expressarem e connosco partilharem suas

experiências. Acompanhe de seguida a entrevista que se segue, que inicia com uma contextualização, para no formato de perguntas e respostas esmiuçar os processos da conservação e restauro sobre o primeiro livro restaurado no Arquivo Histórico de Moçambique, bem como da actividade de conservação e Restauração, entre outras matérias. Portanto, Bem-vindos ao espaço “A Voz do Arquivo”.



Rogério Chivodze, técnico de Conservação e Restauro

Rogério Sebastião Chivodze é técnico de Conservação e Restauro no AHM, possui o grau de técnico médio em química analítica pelo Instituto Industrial de Maputo, tendo ingressado no AHM em 2009, estando actualmente a frequentar o curso de Licenciatura em Química na Universidade Eduardo Mondlane.

No “leque” da sua trajectória profissional-acadêmica, é de destacar a capacitação em Gestão de Documentos de Arquivo, feita no AHM, em 2009, a participação em 2011 no treinamento em preservação do acervo documental no Brasil, e ainda em 2013, onde participou no curso de Gestão e Preservação do Acervo Documental na Coreia do Sul.

Depois desta breve

de restauro do Primeiro Livro no AHM.

Rogério Chivodze (RC): O processo de restauro de uma obra requer muita paciência e leva muito tempo até a sua conclusão, e a obra da qual se refere, teve o início da sua

contextualização, acompanhada e seguida a entrevista que o BIArquivo teve com o técnico de conservação e restauro.

BIArquivo (BI): Partilhe-nos a experiência, os contornos do processo

restauração em 2013 e concluído este ano. Tratou-se de uma primeira experiência para nós, mas já trazíamos conhecimento sobre a matéria, porque beneficiamos de um estágio no Brasil há 4 anos, onde fomos munidos de ferramentas necessárias para poder restaurar uma obra.

BI: Quais foram as dificuldades encaradas no processo de restauração?

RC: A restauração é um processo bastante moroso, que requer muita concentração, boa disposição, paciência e dedicação, sendo que nós consideramos uma arte. Uma das dificuldades encaradas prende-se mesmo com o tratamento do próprio documento, visto que um dos princípios da restauração é salvaguardar a autenticidade dos documentos e por via disso torna-se um processo difícil e de muita cautela. A outra dificuldade, entre outras, foram as paragens verificadas durante o processo para atender outras obrigações profissionais, devido ao reduzido número de técnicos nesta repartição.

BI: Qual é a relevância da formação em química na Repartição de Conservação e Restauro?

RC: A repartição de Conservação e Restauro de um modo geral é responsável pela preservação do acervo documental.



Momento em que se procede a restauração de um livro



Continua na pág. 11

AHM assinala o Dia Mundial do Património Audiovisual

O Arquivo Histórico de Moçambique em parceria com a Escola de Comunicação e Artes da Universidade Eduardo Mondlane, organizou no dia 27 de Outubro, nas instalações da ECA, um Seminário no âmbito das celebrações do Dia Mundial do Património Audiovisual, cujo objectivo era divulgar os acervos audiovisuais existentes em algumas instituições públicas moçambicanas e promover debates sobre os desafios da sua preservação e acesso.

O evento que decorreu nas instalações da ECA sob o lema “A Identidade Cultural através das Coleções de Registos Sonoros e Audiovisuais”, contou com a participação de docentes, estudantes, representantes do Arquivo Cinematográfico do Instituto Nacional Audiovisual e Cinema (INAC), do Centro de Documentação da Televisão de Moçambique (TVM) e público interessado.

Na qualidade de profissional do AHM, o Doutor Simão Jaime procedeu a uma apresentação com o tema “O Acervo das Fontes Oraís sob custódia do Arquivo Histórico de Moçambique”, que visava divulgar o acervo das fontes orais



que estão sob custódia do AHM, com enfoque para a sua origem, metodologias de recolha, seus conteúdos, desafios para a preservação e acesso e a sua importância para a pesquisa da História de Moçambique. Por seu turno, dra. Deolinda Chamango fez uma apresentação intitulada “Documentação Iconográfica no Arquivo Histórico de Moçambique”, cujo objectivo foi de divulgar os vários tipos de documentos iconográficos existentes no Arquivo Histórico de Moçambique e a sua

importância para a pesquisa da História. Já Moisés Chongo, técnico afecto a Repartição de Informatica, falou da experiência do Arquivo Histórico de Moçambique com outras instituições que fazem parte da IASA (International Association of Sound and Audiovisual Archives), da FIAT (Federação Internacional de Arquivos de Televisão), onde evidenciou as participações do AHM em encontros/conferências que visavam debater assuntos ligados a documentos audiovisuais.

Mensagem da Direcção e Funcionários do Arquivo Histórico de Moçambique

Foi com grande dor e consternação que na manhã do dia 10 de Dezembro de 2015, a Direcção e todos os funcionários do Arquivo Histórico de Moçambique, receberam a triste notícia do desaparecimento físico do seu colega e amigo, o dr. Eugénio António Monteiro.

O dr. Eugénio António Monteiro nasceu a 5 de Março de 1967, tendo ingressado nos quadros do Arquivo Histórico de Moçambique em 1 de Setembro de 1990, com a categoria de Transcritor Tradutor D de 2^a.

Em 1992 foi promovido a Transcritor tradutor D de 1^a

De 1996 a 1999 beneficiou-se uma bolsa de estudos, tendo concluído com sucesso o curso de licenciatura em Arquivologia promovido pela Universidade Federal Fluminense, na República Federativa do Brasil.

Em Dezembro de 2000 foi nomeado Chefe do Departamento de Investigação e Extensão

De 1 de Abril de 2003 a 31 de Março de 2004, acumulou as

funções de Chefe do Departamento de Investigação e Extensão com as de Chefe do Departamento do Sistema Nacional de Arquivos.

Em Outubro de 2003 foi designado Diretor-adjunto para a área Técnica, cargo que exerceu até Maio de 2011.

Ao longo da sua carreira, o dr. Eugénio António Monteiro revelou notável competência, disciplina e dedicação ao trabalho. Por isso a sua morte não só constitui uma perda irreparável para a família Monteiro mas também para todos nós Arquivo Histórico, Universidade Eduardo Mondlane e Documentalistas em geral.

Caro colega Monteiro;

Nós, Direcção e todos os funcionários do Arquivo Histórico de Moçambique, Levaremos connosco a sua lembrança e saberemos honrar a sua memória.

Descanse em Paz Companheiro.

À família enlutada a Direcção e todos os funcionários do Arquivo Histórico de Moçambique apresentam as mais sentidas condolências.

Um dedo de Conversa com a Professora Eugénia Rodrigues

Como é que recebeu o convite para apresentar um tema na Conferência internacional?

ER: Em primeiro lugar dizer que sinto-me muito feliz e grata pelo convite feito pelo Arquivo Histórico de Moçambique para participar nas celebrações dos 80 anos desta que é a mais importante instituição de conservação de fontes e Arquivos de Moçambique, e uma das maiores da região Austral e da CPLP. Nesta conferência, tive a oportunidade de expor os resultados da minha pesquisa, debater e serviu de oportunidade impar para discutir com os próprios moçambicanos sobre assuntos que lhes dizem respeito, que se referem a sua própria história.

Como é que avalia a parceria entre Moçambique e Portugal, no tocante a partilha de informação/arquivos?

ER: Relativamente a esse aspecto, creio que está-se num bom caminho e passos significativos já foram dados, a exemplo da parceria entre o Arquivo Histórico da Torre de Tombo e o Arquivo Histórico de Moçambique, que resultou na disponibilização por parte da primeira, de documentação/arquivos que se encontram aqui. Todavia, desafios persistem e muito há ainda.

O que lhe oferece dizer sobre a cooperação entre os países da CPLP na vertente arquivística?

ER: Irei me cingir a Moçambique, visto que encontro-me a estudar sobre matérias deste país. De referir que Moçambique tem muita informação, de grande valor um pouco pelo mundo, a título de exemplo, podemos encontrar uma série de documentação em Goa, na Índia, no Brasil no Arquivo Nacional e na biblioteca Nacional no rio de Janeiro, Angola entre outros locais e

países, pelo que urge a necessidade de se incrementar (visto que já existem) as parcerias entre Arquivo Histórico de Moçambique e outras instituições congêneres sobre a partilha de documentação sobre Moçambique, bem como no desenvolvimento de acções conjuntas de investigação, mobilidade de investigadores entre esses países, tal como sucedeu comigo agora. [risos]

Que recomendações gostava de deixar?

ER: Creio que o essencial já está, há um crescimento notável da parte do Arquivo Histórico de Moçambique ao longo dos anos, o que é de se exaltar. Pretendemos cooperar ainda mais com o Arquivo Histórico de Moçambique, promovendo a interacção e partilha de experiências.



Prof. Doutora Eugénia Rodrigues

👉 Continuação da pág. 9

E a preservação do acervo documental é uma área interdisciplinar que exige conhecimentos de química, física e biologia, tendo em conta que o envelhecimento natural ou precoce do acervo documental está directa ou indirectamente ligado a factores físicos, químicos e biológicos. No entanto, a química constitui o epicentro desta interdisciplinaridade, por exemplo, no que tange a conservação preventiva e curativa do acervo, é de extrema importância conhecer a composição e as propriedades químico-físicas dos materiais que constituem os diversos tipos de suporte de informação. Por outro lado, posso acrescentar que a formação em química congrega a componente laboratorial e que é imprescindível no laboratório de conservação e restauração, porque consiste na lavagem, preparação de reagentes químicos e desacidificação de documentos textuais.

BI: Quais são os principais desafios na sua opinião, que persistem na área em que se encontra a trabalhar?

RC: Na minha óptica um dos maiores desafios do ponto de vista institucional é a criação de uma política de preservação do acervo documental, que deve ser entendida e praticada por todos os funcionários, atendendo e considerando que a conservação do acervo documental é função básica de um Arquivo e que essa tarefa é de todos nós, não se limitando apenas ao pessoal afecto na Repartição de Conservação e Restauro.

Aproveito este espaço para enaltecer os esforços do Arquivo Histórico de Moçambique com vista a revitalização do Laboratório de Conservação e Restauro.

Historiadores debatem Ideias na I Oficina de História



Participantes da oficina de História

Historiadores defenderam que há espaço para novas formas de contar o passado em Moçambique, apontando o acesso ao arquivo da FRELIMO, e mais pesquisa como condições para o desenvolvimento desta área. "Pelo contexto da liberdade que se está a criar, há espaço para novas formas de contar a História", disse o historiador e director do Arquivo Histórico de Moçambique, Joel das Neves Tembe, falando à margem da 1.ª Oficina de História de Moçambique, organizada por um grupo de estudantes das universidades Eduardo Mondlane (UEM) e Pedagógica (UP). Admitindo a existência de uma "carga ideológica" na forma como é contada a História de Moçambique, Joel das Neves Tembe entende, no entanto, que o principal problema desta disciplina no país é a falta de iniciativas de pesquisas vindas dos próprios historiadores, considerando que, à medida que o estigma vai desaparecendo no seio da sociedade, devido ao novo contexto multipartidário adoptado, as fontes vão-se libertando.

«O nosso país ainda é muito novo, com apenas 40 anos, e as coisas ainda estão a aparecer, mas é

preciso que haja mais pesquisas", salientou Tembe, acrescentando que é importante que os arquivos da FRELIMO (Frente de Libertação de Moçambique), movimento que encetou a luta pela independência do país e no poder desde 1975, sejam de acesso público. Mas, antes de serem abertas, as fontes devem ser trabalhadas por especialistas e intérpretes, alertou. "Por detrás do Estado, há uma ideologia e não estou a ver qual é o país que não tem isso", defendeu o historiador moçambicano, apontando a autocensura como um obstáculo ainda por vencer no processo. Por outro lado, a história da RENAMO (Resistência Nacional Moçambicana) não é contada pela própria Renamo, quem conta a história do maior partido da oposição em Moçambique são "os outros". É importante que a RENAMO disponibilize as suas fontes.

Por sua vez, Carlos Quembo, professor de Economia Política da África Austral na UEM, disse à Lusa que a estrutura política e económica nos primeiros anos de independência influenciou a forma como o passado foi contado, acrescentando, no entanto, que a história oficial que existe não é necessariamente falsa. "A história oficial tem de ser percebida como

uma interpretação e há espaço para que haja outras interpretações", observou o historiador moçambicano, acrescentando que a investigação é um processo contínuo e permanente.

Abubacar León, professor e investigador da York University, do Canadá, apontou a falta de sentido crítico nos estudantes como a primeira consequência de um país que conta a sua História de forma unilateral, considerando que é preciso abrir espaço para o cruzamento de diferentes tradições historiográficas, como forma de actualizar constantemente o conhecimento do passado. "Diferentes posições e correntes de pensamento podem contribuir para a melhoria da forma como é contada a História de Moçambique", defendeu o professor de História de África na York University, que aponta o Arquivo Histórico de Moçambique como um dos mais importantes da África subsaariana. "Moçambique tem documentos raros na região", salientou Abubacar León, sublinhando que há muito interesse de pesquisadores internacionais pelo país, destacando a importância de iniciativas similares.

Subordinada ao tema "Como fazer Investigação Histórica em Moçambique? Pesquisas, Metodologias e Recomendações Práticas", a primeira oficina de história no país, organizada com o apoio do Arquivo Histórico Moçambique, reuniu no dia 30 de Outubro, historiadores, professores e estudantes na sala de leitura do AHM, um projecto cujo principal objectivo é a partilha de pesquisas nas diversas áreas de conhecimento científico. *(Título e algumas alterações pontuais da responsabilidade do BI Arquivo, Extraído da RDP África).*

Pensamento

"Os homens fazem a sua própria história, mas não a fazem como querem, não a fazem sob circunstâncias de sua escolha e sim sob aquelas com que se defrontam directamente, legadas e transmitidas pelo passado."

Karl Marx

Falta de espaço e degradação ameaçam o Arquivo Histórico Moçambique

A Falta de espaço para depósito de novos documentos e a degradação de infra-estruturas são as principais ameaças ao espólio do Arquivo Histórico de Moçambique (AHM), 80 anos depois da sua fundação, disse o director da instituição. “O nosso principal problema actualmente é a falta de um novo edifício, na medida em que o actual já esgotou a sua capacidade”, disse Joel das Neves Tembe, em entrevista à LUSA em Maputo.

Quando a instituição assinala 80 anos de existência, o director do AHM lamentou a degradação de uma parte das infra-estruturas de armazenamento, acrescentando que as condições actuais colocam em perigo o espólio do arquivo, um dos mais importantes da região, segundo alguns historiadores e investigadores internacionais. “Neste momento, nestas condições, alguns documentos correm o risco de desaparecer”, alertou Tembe, acrescentando que a falta de fundos é um dos principais problemas que está a enfrentar. “Nós podemos até idealizar e sonhar, mas sem fundos nada pode acontecer”, salientou.

Com evolução tecnológica, prosseguiu Tembe, a digitalização surge como um elemento crucial



Depósito de documentos do Departamento de Arquivos Permanentes - AHM

para facilitar o acesso aos documentos dos arquivos, um procedimento que ainda está numa fase incipiente no AHM, devido à falta de meios adequados. “Nós começamos por preparar a mão-de-obra e tivemos êxito, agora é necessário que se tenha fundos à altura”, afirmou Tembe, acrescentando que a conservação digital é uma tarefa muito mais difícil, na medida em que acarreta uma infra-estrutura apropriada.

Joel das Neves Tembe manifestou-se ainda preocupado com o nível de degradação dos documentos mais antigos do arquivo, uma situação causada pelo facto de as infra-

estruturas actuais, situadas na cidade de Maputo, não serem as mais adequadas para a conservação do espólio. “Não há saída para a resolução deste problema senão a construção de um edifício novo”, defendeu Tembe, alertando que estes documentos são sensíveis e de difícil restauro.

Enaltecendo a importância das novas tendências da historiografia no mundo contemporâneo, Joel das Neves defendeu a necessidade de o país ter uma maior atenção às fontes audiovisuais, um processo que já está em curso no AHM, através de parcerias entre Instituto Nacional de Audiovisual e Cinema (INAC) e as televisões moçambicanas. “Um arquivo não pode depender de fontes tradicionais, actualmente o historiador recorre a outras fontes e nós não estamos alheios a este processo”, acrescentou Tembe, que aponta a formação de quadros como um dos principais feitos das últimas décadas.

Fundado a 27 de Junho de 1934, sob o regime colonial português, a AHM é uma instituição tutelada pela Universidade Eduardo Mondlane (UEM), a mais antiga instituição de Ensino Superior em Moçambique. O AHM ocupou, por duas vezes, a presidência da Associação dos Arquivos da África Austral e Oriental, sob ramo do Conselho Internacional de Arquivos. (Lusa)



Documentação em condições menos favoráveis para a sua conservação num dos depósitos do AHM.

UEM gradua cerca de mil Estudantes

A Universidade Eduardo Mondlane Graduiu no dia 6 de Novembro cerca de mil (1000) estudantes de diferentes cursos, onde 914 eram Licenciados e 46 Mestres. Do número de graduados, a tendência do género manteve-se, onde 64% são do sexo masculino e 36% correspondem ao sexo feminino. Para além de moçambicanos, foram graduados estudantes provenientes do Burundi e de São Tomé e Príncipe. Nesta cerimónia de graduação, o Departamento de História contou com 8 estudantes que graduaram para o nível de Licenciatura, e 2 Mestres em História Social, por sinal os primeiros graduados nesse Mestrado introduzido há mais de dois naquele Departamento.

Em entrevista ao BIArquivo, os graduados de História mostraram-se motivados pela proeza alcançada, pois segundo estes, trata-se de um momento há muito aguardado e que coroa a caminhada na Licenciatura. *“É sem dúvidas um momento impar para mim, desde o ensino primário este constituiu um desejo para mim, vestir estas roupas e poder partilhar com a minha família o culminar de uma longa caminhada. Espero poder prosseguir com os níveis ainda mais e sobretudo a vertente investigava será a minha aposta”*, disse Euclides Munhisse. Por outro lado, Sheila Mate, considera ser

este “um momento histórico para mim porque no meio de dificuldades e demais vicissitudes provei que com crença é possível se alcançar um certo objectivo por mais difícil que seja, a caminhada foi longa mas foi premiada”. Mate incentiva os outros para que possam apostar nos estudos *“hoje em dia a moda é estudar, não faz sentido encontrar crianças ou jovens que não estudam, por isso aproveito para reforçar o apelo para que as pessoas invistam na educação, afinal de contas o conhecimento, a boa formação só é possível com educação, e que sonhem um dia*

vestir esta roupa, que simboliza um grau académico, que porém é apenas o início de mais uma caminhada”.

Os melhores estudantes foram distinguidos, recebendo prémios que variaram desde valores monetários, estágios profissionais, entre outros.

De salientar que esta é a segunda cerimónia de Graduação da Universidade Eduardo Mondlane, para o ano 2015, tendo a primeira sido realizada em a 28 de Maio, onde mais de setecentos estudantes foram graduados.



Parte dos graduados em História

Vice-Presidente do Zimbabwe visita AHM

O Vice-Presidente do Zimbabwe Emmerson Dambudzo Mnangagwa, visitou no dia 18 de Setembro o Arquivo Histórico de Moçambique. Mnangagwa que se fazia acompanhar por uma delegação mista, zimbabweana e moçambicana, visitou o Departamento de colecções Especiais, onde esteve na Micrografia, Cartografia e Fototeca, tendo sido igualmente recebido pelo Director do Arquivo Histórico de Moçambique, Joel das Neves Tembe. A visita tinha como objectivo se inteirar da forma do funcionamento do AHM e ter contacto com alguns documentos históricos, com destaque para fotografias.



Momento em que Mnangagwa consultava alguns documentos no AHM, em especial Fotografias.

Resumo da Tese de Doutoramento do Dr. Simão Jaime

De seguida sugerimos ao estimado leitor um breve resumo da tese de Doutoramento do Dr. Simão Jaime, grau alcançado este ano na Universidade Federal da Bahia, no Brasil. Nas próximas edições iremos abordar a fundo sobre este trabalho de

doutoramento, e traremos uma entrevista com Dr. Simão Jaime, de modo a aferirmos todo o processo para conclusão do grau de Doutoramento, desde as dificuldades e momentos marcantes desta impar trajetória na sua vida.

Igreja Metodista Episcopal (IME) e os Serviços Médicos nas Circunscrições de Morrumbene e Homoine, no Distrito de Inhambane, 1890 a 1968.

Este é o título da tese de Doutoramento, do Dr. Simão Jaime cujo objectivo é analisar o impacto da instalação da Igreja Metodista Episcopal na conversão das comunidades ancestrais, mais concretamente nas Circunscrições de Morrumbene e Homoine, no distrito de

Inhambane, no período entre 1890 e 1968, bem como o seu contributo através dos Serviços Médicos para a assistência das mesmas populações. Partindo da contextualização da instalação da IME em Moçambique, analisa o seu relacionamento com as populações locais dando ênfase aos valores culturais com destaque para a circuncisão masculina; o contacto com a comunidade maometana e o papel da mulher na sua campanha de evangelização. Aborda de forma detalhada o papel que os missionários dedicaram à música como estratégia de conversão das

populações que cultivavam esta atividade na sua vida. Na área de saúde a tese procura mostrar a miscelânea astuta que os missionários da IME praticavam entre o colonialismo, racismo e os serviços médicos no invólucro da evangelização. Ainda na área de saúde a tese aborda a inegável contribuição da IME na assistência sanitária através da introdução da medicina ocidental, construção de infra-estruturas, formação de enfermeiras e controle de algumas doenças, como a lepra.

Boas Festas

*A equipa do BI Arquivo deseja ao estimado Leitor
um Feliz Natal e Próspero 2016.*

Sérgio Armando Maúngue

De mãos dadas há 17 anos com o AHM

Sérgio Armando Maúngue ingressa no Arquivo Histórico de Moçambique em 1998, numa primeira fase como contratado e mais tarde se tornando efectivo. Portanto este namoro com o AHM já vem há mais de 17 anos, tendo durante esse período, feito grande parte da sua trajectória académica e profissional.

Na fase inicial ao ingresso nesta instituição, trabalhou na recolha de fontes orais conjuntamente com o Doutor Simão Jaime e a dona Ana Mainga, que já se encontravam a trabalhar no Arquivo Histórico de Moçambique, e por isso transmitiram-lhe a sua experiência. De seguida passou a trabalhar nos Arquivos Permanentes, no tratamento da documentação, e em 2003, entra na carreira de investigação na repartição das fontes orais e a partir de 2013 passa para o departamento de investigação e extensão, onde se encontra a trabalhar até ao presente.

Em termos académicos, concluiu no ano de 1988 a formação de professores de História e Geografia para o ensino secundário geral na Faculdade de Educação da Universidade Eduardo Mondlane, tendo nos três anos seguintes leccionado nas Escolas para Moçambicanos em Cuba.

Em 2001 conclui a licenciatura em História na Universidade Eduardo Mondlane e em 2012 o Mestrado em Estudos Étnicos e Africanos na Universidade Federal da Bahia, no Brasil. Entre outras frequentou várias formações e capacitações, com destaque para as relacionadas com a investigação que aprimoraram os seus conhecimentos e outros relacionados com arquivos e documentação.

Relativamente à vida privada, em tempos livres, gosta de cozinhar para a família e nos encontros entre amigos. A leitura, a televisão e conversa com a família e amigos preenchem igualmente os seus tempos livres.

Na infância jogou futebol e considera que era um dos melhores defesas, entre os seus amigos e colegas. É da geração das primeiras escolas de jogadores das grandes equipas da Cidade de Maputo, tendo alguns da sua geração chegado à selecção nacional de futebol de Moçambique.

Actualmente o gosto pelo futebol esmoreceu, mas já foi adepto do Maxaquene, e hoje, tem acompanhado os jogos pela televisão, mas sem nenhuma preferência quanto a uma determinada equipa.

Gosta de ler romances e ficção científica, sempre que pode.



Somos:

O Arquivo Histórico de Moçambique, uma instituição vocacionada na preservação de documentos e Arquivos. Para além da consulta da vasta documentação primária e diversa, prestamos os seguintes serviços:

- **Investigação histórica e arquivística;**
- **Avaliação e selecção de documentos;**
- **Formação e assistência técnica em arquivos e gestão de documentos;**
- **Digitalização e microfilmagem;**
- **Atendimento ao Público;**
- **Editoração e promoção de eventos técnico-científicos;**
- **Reprografia e emissão de certidões de nascimento, casamentos e óbitos, com base nos livros de registos dos anos 1865 a 1934.**

Estamos na Travessa de Varietá, nº 58, Maputo. Para a consulta de documentação primária, dispomos de instalações no Campus Universitário, designadamente o Departamento de Arquivos Permanentes e o Departamento do Arquivo Central da Universidade Eduardo Mondlane. Na avenida 25 de Setembro encontra – se o Departamento de Colecções Especiais. Na rua Timor Leste dispomos de um edifício que serve para o depósito de documentos, bem como na avenida Filipe Samuel Magaia um outro edifício vocacionado para a conservação de documentos.

Para informações adicionais contacte – nos pelo telefax.: 21323428, pelo endereço electrónico ahm@uem.mz, ou pelo website: www.ahm.uem.mz.

FICHA TÉCNICA

BIArquivo

Boletim Informativo do Arquivo Histórico de Moçambique
TRIMESTRAL – Edição especial Ano 2015

Director
Joel das Neves Tembe

Editor
Maidar Mavie

Revisão linguística
Sérgio Maungue e Astrogilda Mavil

Redacção
Lídia Furvela, Sérgio Maungue, Simão Jaime, Rogério Chivodze e Maidar Mavie

Maquetização
Bartolomeu Daniel Cuamba

Fotografias
AHM

Pode baixar o BIArquivo no nosso Website:
<http://www.ahm.uem.mz>